

30 POEMAS

DOS TEMPOS SOMBRIOS

e outros poemas

Anderson Ribeiro

 EDITORA
IFS

30 POEMAS

DOS TEMPOS SOMBRIOS

e outros poemas

Anderson Ribeiro

Copyright© 2023 – IFS

Todos os direitos reservados para a Editora IFS. Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida ou transformada em nenhuma forma e por nenhum meio mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento de informação, sem autorização expressa dos autores ou do IFS.

**EDITORA-CHEFE
(COORDENADORA DE
PUBLICAÇÕES)**

Kelly Cristina Barbosa

ILUSTRAÇÕES

Júlia Gon

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Ramon Silva Oliveira

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Santos, Anderson Ribeiro dos.

S237p

30 poemas dos tempos e outros poemas [recurso eletrônico]. / Anderson Ribeiro.
Aracaju: Editora IFS, 2023.

76 p. il.

ISBN: 978-85-9591-158-1.

1. Poesia Brasileira. 2. Poesia Contemporânea. I. Santos, Anderson Ribeiro dos.
II. Título.

CDU: 82-1 (81)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Kelly Cristina Barbosa CRB 5/1637

[2023]

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS)
Avenida Jorge Amado, 1551. Loteamento Garcia, Bairro Jardins. Aracaju/SE.
CEP: 49025-330. TEL.: +55(79)3711-3222 / e-mail: edifs@ifs.edu.br



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA DE SERGIPE (IFS)**

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
Camilo Santana

SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
Getúlio Marques Ferreira

REITORA DO IFS
Ruth Sales Gama de Andrade

CONSELHO CIENTÍFICO

Chirlaine Cristine Gonçalves

**Pró-reitora de Desenvolvimento
Institucional**

Jaime José da Silveira
Barros Neto

**Diretor de Desenvolvimento
Institucional**

José Wellington Carvalho Vilar
Área: Ciências Exatas e da Terra

Diego Lopes Coriolano
Área: Engenharias (titular)

Herbet Alves de Oliveira
Área: Engenharias (suplente)

Adeline Araújo Carneiro Farias

Área: Ciências Humanas

Alexandre Santos de Oliveira

Área: Ciências Sociais Aplicadas

João Batista Barbosa

Área: Ciências Agrárias

Manoela Falcon Gallotti

Área: Linguística, Letras e Artes

Sheyla Alves Rodrigues

Área: Ciências Biológicas

MEMBROS EXTERNOS

Flor Ernestina Martinez Espinosa
FIOCRUZ

Odélsia Leonor Sanchez de Alsina
UFCG

Mirian Sumica Carneiro Reis
UNILAB

Claudio Cledson Novaes - **UEFS**

Caíque Jordan Nunes Ribeiro
UFS

Lucas Molina - **UFS**

Murilo Lopes Martins
IF Sudeste MG

Eliane Maurício Furtado Martins -
IF Sudeste MG

Zélia Soares Macedo - **UFS**

Mario Ernesto Giroldo Valério
UFS

Ana Aparecida Vieira de Moura
IFRR

Josilene de Souza - **IFRN**

Charles Dos Santos Estevam
UFS



30 POEMAS

DOS TEMPOS SOMBRIOS

e outros poemas

Prefácio

Inquieto

Trinta poemas incisivos. De tempos

sombrios, sim. Poemas inquietos.

Poeta inquieto, Anderson Ribeiro,

em pleno desassossego. E que inquietam

o leitor. Não há como desviar. Se ele não lê,

tudo bem. Pode até tentar fingir para si mesmo,

mas a máscara não se segura por muito tempo.

Mas é começar a se encontrar com os versos

e a inquietação também nos contamina.



Uma literatura contaminada. Às vezes tem um tom de crônica. Crônica pesada, sombria, como o título deste seu primeiro livro. Às vezes lembro-me de um certo Rimbaud e do Baudelaire de *Pequenos Poemas em Prosa*. E também a indignação. A vontade de mudança. A constatação que fazemos muito pouco no dia a dia.

Os tempos sombrios exigem mais consciência. E o poeta não nos dá fôlego. Somos fuzilados em nosso conforto, em nosso quadrado. O livro quer nos tirar do quadrado, abrir nossos olhos e nos fazer ver o que sempre esteve aí. Os olhos do poeta veem o mundo e se indignam com o que veem. Mas também falam o mundo, e do mundo. Os versos vão nos desafiando. Mudar. Mudar de vida, eu diria. Não aceitar o pronto. Banhar-se de chuva, convida o poeta em seu poema, para revisitar a infância. E a infância é um bálsamo que aparece no meio de tantos versos desafiadores. E também percebo um tom cataclísmico.

Mas acima de tudo, uma sinceridade a toda prova, inquestionável. Os tempos não estão nada fáceis. E o sombrio precisa ser visto de perto. Fugir não é solução. Se aproxime leitor, e experimente estes versos. Há uma luz no fim do túnel em seus poemas?

Descubra por si mesmo. Poesia tem isso de bom. Caleidoscópica. Além de ser risco. Poesia é risco. Por isso ela é tão importante. Principalmente na era do conformismo total. O poeta registrou sua vida e suas inquietações sombrias aqui

Registre a sua. Leia este livro.

Outros virão, com certeza.

Luís Estrela de Matos



ESTE LIVRO É UM
GRITO DE
MAS TAMBÉM É
UM CANTO DE
ESPERANÇA
e Resistência

Dedico este livro a todos os amigos e todas as pessoas que acompanharam, todos os dias, a publicação dele nas redes sociais. Isso mesmo. Este livro nasceu nas redes sociais, num novembro, em 2018, num exercício de escrever durante 30 dias os golpes diuturnos sofridos pela democracia e os golpes que ainda estavam por vir. Ele foi escrito seguindo os dias, seguindo a ordem do calendário da inspiração-indignação. Foi inspirado também nas histórias de tantos que morreram e de outros tantos que sobreviveram à luta contra o fascismo e também inspirado nas histórias dos dias de quem vive à margem desviando-se não apenas de balas, mas também do preconceito de um país que não se reconhece e que insiste em exterminar os seus por não conseguir aceitar-se e enxergar-se no espelho da realidade. Este livro é um grito de dor; navalha na carne. Mas também é um canto de esperança e resistência.

O autor

lho e Joana Maria Riveiro dos Santos://Irmão: Fábio Ribeiro e Gizele
veiro:// Vânia Fontes| Wanderley Ribeiro, Jonathan Ribeiro e Erculy Araujo
Kleber Sampaio. **Sempre presentes.** (Trapiá) :// Tia Idália e Tia Isaura://
Bárbara Parente, Filipy Parente, Janaína Parente, Flávio Pacheco, Romina
encar, Tayrone Alencar, Guilherme Alencar | Alessandro Victor Dias e Daniel
co Isaia// **Brasília** | Guilherme Strozi, Allan Carvalho, Jerson Portela
arcella Nogueira, Danielle Senra, Laine Castro (Sol), Leiliane Soares
ana), Allan Lima, Jorge Henrique de Moraes, Rodrigo Cavalcante (Digão) e
ntia Medeiros, Maíra Alves e Luciana Wacławovsky | **EBC://** Michelle Chiappa
a, Mateus Araújo, Lucas Krauss, Vanessa Léda, Denise Griesinger, Raquel Monteath, Gabriela Braga, Moniky Castilho, Patrícia Maia, Martha Corrêa, Pedro
acerda, Pedro Mafra e Mariana, Edney Freitas, Lucas Reis Rodrigues, Patrícia
aiva, Patrícia Leite, André Maciel, Débora Mesquita, Selma, João Müller, Leandro
opes, Cândida Gomes, Franklin, Jorge, Fátima, Rocha, Jack
on Bomfim, Santos outro
o Suco, Chris
arbois //: Afonso
lva (Marquitos
ulia Gonçalves
veiro dos Santos | Fábio Ribeiro e Gizele Riveiro:// Vânia Fontes
anderley Ribeiro, Jonathan Ribeiro e Erculy Araujo | Kleber Sampaio
Sempre presentes. (Trapiá) :// Tia Idália e Tia Isaura:// Bárbara Parente,
Filipy Parente, Janaína Parente, Flávio Pacheco, Romina Alencar, Tayrone
encar, Guilherme Alencar | Alessandro Victor Dias e Daniel Ito Isaia://
Brasília | Guilherme Strozi, Allan Carvalho, Jerson Portela, Marcella
ogueira, Danielle Senra, Laine Castro (Sol), Leiliane Soares (Nana), Allan
ma, Jorge Henrique de Moraes, Rodrigo Cavalcante (Digão) e Cintia Medeiros,
Maíra Alves e Luciana Wacławovsky | **EBC://** Michelle Chiappa, Mateus Araújo,
Lucas Krauss, Vanessa Léda, Denise Griesinger, Raquel Monteath, Gabriela
Braga, Moniky Castilho, Patrícia Maia, Martha Corrêa, Pedro Lacerda, Pedro
Mafra e Mariana, Edney Freitas, Lucas Reis Rodrigues, Patrícia Paiva, Patrícia
Leite, Maranhão Viegas, Katuscia Nery, André Maciel, Débora Mesquita

AGRA-
DECIMENTOS



Agradeço a todos que me apoiaram e apostaram na publicação deste livro mesmo quando eu mesmo nem acreditava mais que seria possível, por ter me deixado abalar com os Tempos Sombrios.

Agradeço também a Júlia Gonçalves pelas artes que compõem o livro. Elas captaram muito bem o momento e deixaram essa obra mais bela.

Aos meus pais, João Cirilo dos Santos Filho e Joana Maria Ribeiro dos Santos e, meus irmãos Fábio Ribeiro e Grazielle Ribeiro que sempre estiveram ao meu lado e desde sempre, lá nos primórdios, acompanharam-me nos concursos de poesia e me incentivaram a seguir escrevendo e escrevendo.

Aos primos da 'patifaria' Vânia Fontes, Wanderley Ribeiro, Jonathan Ribeiro e Erculy Araujo e ao primo agregado Kleber Sampaio. Sempre presentes.

Aos amigos da família 'Trapíá'. As matriarcas Tia Idália e Tia Isaura pelo carinho e acolhimento. Sempre me senti um filho. A Bárbara Parente, Filipy Parente, Janaína Parente, Flávio Pacheco, Romina Alencar, Tayrone Alencar, Guilherme Alencar, vocês são os melhores 'primos' que a vida me deu.

Aos amigos 'de casa' Alessandro Victor Dias e Daniel Ito Isaia e aos outros amigos de Brasília que acompanharam todo o processo do exercício diário de escrever esse livro me dando forças para não desistir e seguir o desafio. Em especial ao Guilherme Strozi, Allan Carvalho, Jerson Portela, Marcella Nogueira, Danielle Senra, Laine Castro (Sol), Leiliane Soares (Nana), Allan Lima, Jorge Henrique de Moraes, Rodrigo Cavalcante (Digão) e Cintia Medeiros, Maira Alves e Luciana Waclawovsky.

Aos amigos que a EBC me deu, Michelle Chiappa, Mateus Araújo, Lucas Krauss, Vanessa Léda, Denise Griesinger, Raquel Monteath, Gabriela Braga, Moniky Castilho, Patrícia Maia, Martha Corrêa, Pedro Lacerda, Pedro Mafra e Mariana, Edney Freitas, Lucas Reis Rodrigues, Patrícia Paiva, Patrícia Leite, Maranhão Viegas, Katiuscia Nery, André Maciel, Débora Mesquita, Selma Dias, Carol Lasneaux, Érica Junot.

Aos amigos de uma vida inteira Álvaro Müller, Leandro Lopes, Cândia Oliveira, Soayan Silveira, Rafa Costa, Marcos Borges, Franklin Borges, Fátima Mara, George Santos, Fátima Vasconcelos, Adilson Rocha, Jackson Bomfim, Nikolas Pirani, Mauro Castro, Help Lima, Marineide Bomfim e tantos outros que não dá para listar aqui. Sintam-se todos abraçados.

Aos amigos e parceiros da Toca do Suco, Chris Lemos e Gustavo Mustafé, que ficaram na torcida para que eu não desistisse deste livro e retomasse o desejo de publicá-lo.

A Angélica Amorim, amor de uma vida inteira pela paciência e pelo “não se preocupe que na hora certa ele (o livro) sai”.

A Assuero Cardoso Barbosa que um dia disse que eu era poeta e aos outros amigos poetas que sempre me ‘cobraram’ um livro. Afonso Augusto, André Lucas, Danilo Lumiano, Hugo Arcanjo, Marcos Silva (Marquito). Ei-lo aqui.

A todos vocês, meu muito obrigado.

Sumário



POEMA 01	17	POEMA 16	40
POEMA 02	18	POEMA 17	42
POEMA 03	19	POEMA 18	43
POEMA 04	20	POEMA 19	44
POEMA 05	22	POEMA 20	45
POEMA 06	23	POEMA 21	48
POEMA 07	25	POEMA 22	49
POEMA 08	27	POEMA 23	51
POEMA 09	28	POEMA 24	53
POEMA 10	29	POEMA 25	54
POEMA 11	33	POEMA 26	55
POEMA 12	34	POEMA 27	57
POEMA 13	35	POEMA 28	58
POEMA 14	36	POEMA 29	60
POEMA 15	38	POEMA 30	61

OUTROS POEMAS

OUTROS 01	64
OUTROS 02	65
OUTROS 03	66
OUTROS 04	67
OUTROS 05	68
OUTROS 06	69
OUTROS 07	70
OUTROS 08	72
OUTROS 09	73
OUTROS 10	74



POEMA 01

A opressão é quase tátil;
Ainda posso senti-la.
E apesar da pouca memória que me resta
Passeio pelas cicatrizes que minhas lembranças
carregam feito feridas abertas.
Elas ainda doem;
E ardem
E tardam em serem esquecidas.
Agora vejo sombras rondando o jardim.
São olhos à espreita feito o relógio
iluminado no alto da torre mais alta
Querendo dizer: o tempo está acabando...
Querendo dizer que o tempo quer
revisitar minha sala, minha casa, meus
caminhos, meus descaminhos...
E se o mal é também senhor do tempo,
Haverá tempo para um café amargo, um beijo gelado
e um abraço apertado de uma camisa de força.

POEMA 02

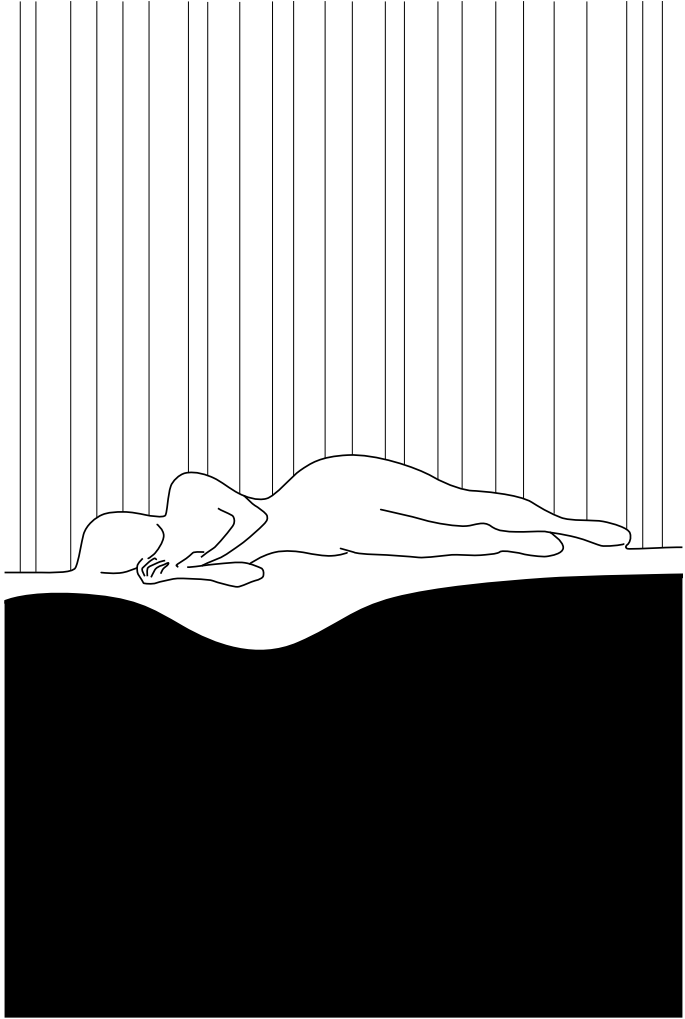
Chove na América do Surrealismo
de quadros móveis em automóveis.
Viaja o Brasil de trânsito confuso
e ônibus lotado. O Brasil
descoberto por todas as leis.
Que pinta as caras e esquece dos índios.
Que incendeia os tupis
e os guaranis são fósforos.
Que brinda a violência com coquetéis molotov.
Que rouba a vida e dignidade humanas.
Fragiliza-nos o Sul do país de seca e geada.
O abstrato é mais ao Norte, onde todos
sonham a todo instante. A realidade
é diferente em cada pétala da rosa-dos-ventos;
E os problemas são os mesmos e são constantes.
Sufoca-nos o Centro-Oeste
de bang bang e palácios. Cansam-nos
as rampas e os planaltos centrais do poder.
Caçam-nos as reformas e destrói-nos a História.
Faz ruínas as glórias das lutas dos sindicatos.
Dói-nos a República dos condenados
que morrem de fome. Mata-nos
a omissão dos leigos por adesão
E fuzila-nos a ignorância
generalizada do universo.

POEMA 03

Ainda sinto o cheiro de umidade
e morte dos porões do DOPS
Ainda ouço ruídos de medo e horror
Ainda ouço gargalhadas mesmo que aturdido
Ainda sinto, por isso eu grito.
Porque minha memória é parede sem reboco
É ferida aberta
Pele infiltrada. Ainda sinto...
E de tanto sentir
Tão perto de novo e mais uma vez
Meu corpo lateja como o que inflama
Meu corpo crepita como aquela chama
Meu corpo reclama de uma nova dor.
Ainda sinto tanto!
Minhas noites são pesadelos sem fim;
Uma criança feita de espera e
que o dia nunca alcança;
Impregnada de sangue e sem qualquer
lapso de esperança;
Um corte vil e profundo na têmpora
que não me deixa esquecer.
Ainda sinto. Ainda sinto muito.
E de tanto sentir
Sinto a minha alma querer partir
daqui sem querer voltar.

POEMA 04

Eu queria ter força como quando em dias
nublados as nuvens prenam o sol;
Eu queria ser mais;
Eu queria ser mãe!
Porque mãe suporta a dor do mundo
E por isso, ser mais mesmo sendo tudo!
Eu queria enfrentar barricadas feito mãe;
Eu queria furar barreiras feito mãe;
Eu queria vencer a guerra com
um beijo feito mãe...
E com os braços abertos acolher a
todos, indistintamente, feito mãe.
Mas eu não sou mãe.
E então eu luto todos os dias feito
quem aprendeu com a mãe.

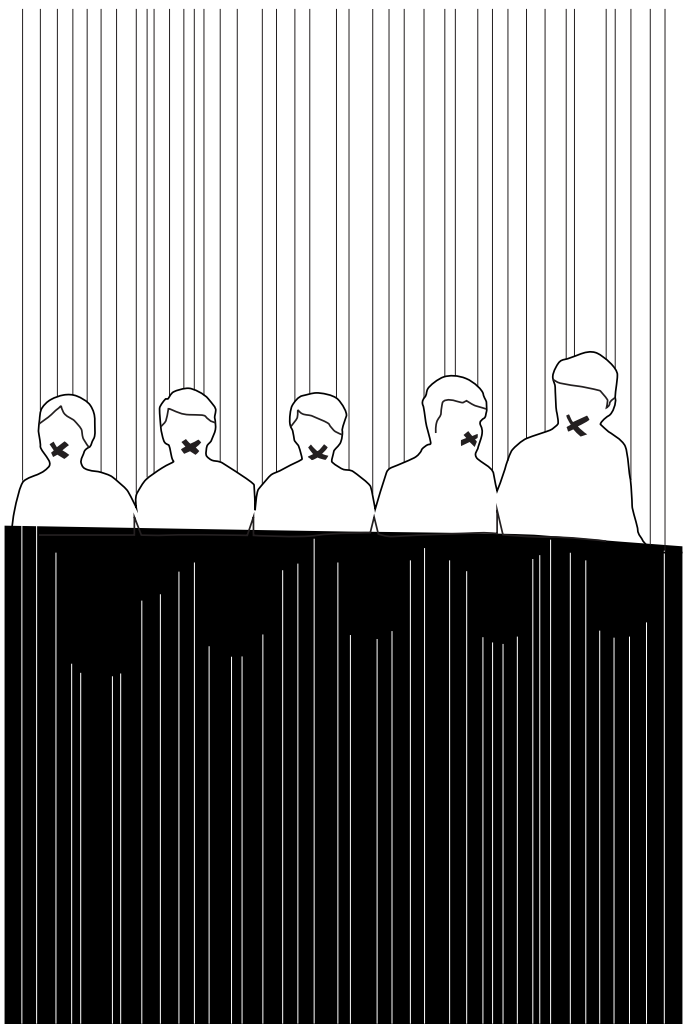


POEMA 05

Minha poesia é um canto de esperança
E meu canto um grito de liberdade
Porque em mim ainda arde a lembrança
toda vez que a energia oscila
Toda vez que o chuveiro desarma;
Toda vez que a torneira pinga.
Minha memória é chaga aberta que
queima e pulsa latente.
E sente dor mesmo não estando doente.
Minha memória é labirinto
procurando ainda a saída
E por isso não permite que os tempos
voltem tão duros novamente
Porque agora a alma pede pra seguir em frente.

POEMA 06

Eu vi a cara do meu demônio no centro da cidade,
Ele tinha aparência tranquila. Como consegue?
Eu? Eu congelei escrotamente!
Não reagi, não atirei.
E ele viu o pavor nos meus olhos.
Eu vi. Eu senti seus olhos me rasgando
por dentro como faz a desilusão.
E eu morri de novo e mais uma vez
E mais uma vez humilhado como
todas as outras vezes.
Ele sabe que me deu um tiro e sabe que
estou agonizando como um moribundo.
E ele riu. E ele se riu e foi embora,
tranquilamente, como quem plantou uma flor.



POEMA 07

Tem um animal morto na pista.
Ninguém quis saber o que foi.
É mais um entre tantos, todos os dias.
Foi mais um, José.
Passa o X.
Já foram quantos esse mês?
Mas esse animal tem nome, dono...
Mas no morro não é novidade, quando um
animal some, a família já sabe.
Morro abaixo tem uma vala, se
tiver sorte pode ir pra lá.
Aqui menino preto não anda no asfalto;
Não vai a Copacabana.
Lugar de bacana não cabe favelado.
Porque lá o papo é sempre assim:
Tá de olho no meu dinheiro suado, moleque?!
Deixa a trouxinha e vaza apressado.
Se a caveira passa aqui cê tá ferrado.
Vai te achar com grana e abastado.
Não quer saber pra quem foi encomendado.
Cana não perdoa preto nessas bandas.

JÁ SABEM DE CÓR E SALTEADO. QUE MENINO PRETO E POBRE NÃO PODE SER LIVRE NEM DENTRO DO SEU PRÓPRIO BAIRRO. ”

É marginalizado.
E pra segurança geral
é logo levado e limado.
Menos um;
esse tá apagado.
Não vai dar
mais trabalho
nem “incomodar”
aqueles brancos ricos.
Aquele animal
na pista era o menino
deixado como recado.
Ninguém quis
saber como foi;
Já sabem de cór
e salteado.
Que menino preto
e pobre não pode ser
livre nem dentro do
seu próprio bairro.

POEMA 08

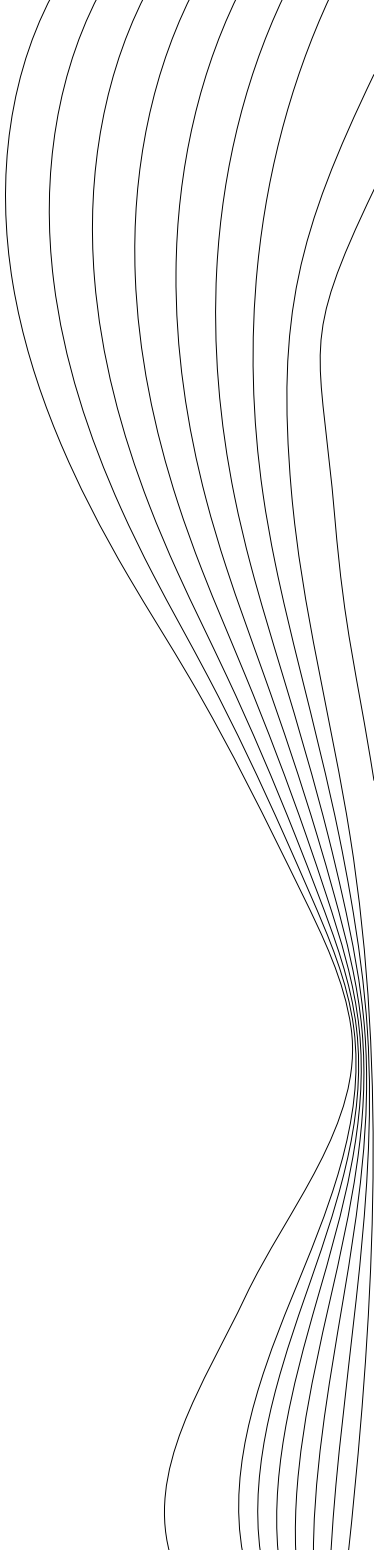
Na favela tudo se transmuta
Desinfetante vira droga
Guarda-chuva vira arma
Policial também cobra pra assegurar a comunidade
Pelos becos roubam vidas
Nas igrejas roubam almas
Ninguém está imune ao sistema, amizade.
Quando a polícia invade o morro é festa na cidade
Matam dois ou três meninos
Prendem cinco, seis bandidos e o dono do pedaço
E nos jornais falastrões e nas TV's do país
A notícia é a queda da quadrilha
pra geral ficar feliz.
Mas e as crianças inocentes que morreram de graça?
Tá todo mundo acostumado chora
um pouco depois passa.
Ia ser bandido mesmo anteciparam o
serviço, evitaram a 'desgraça'.

POEMA 09

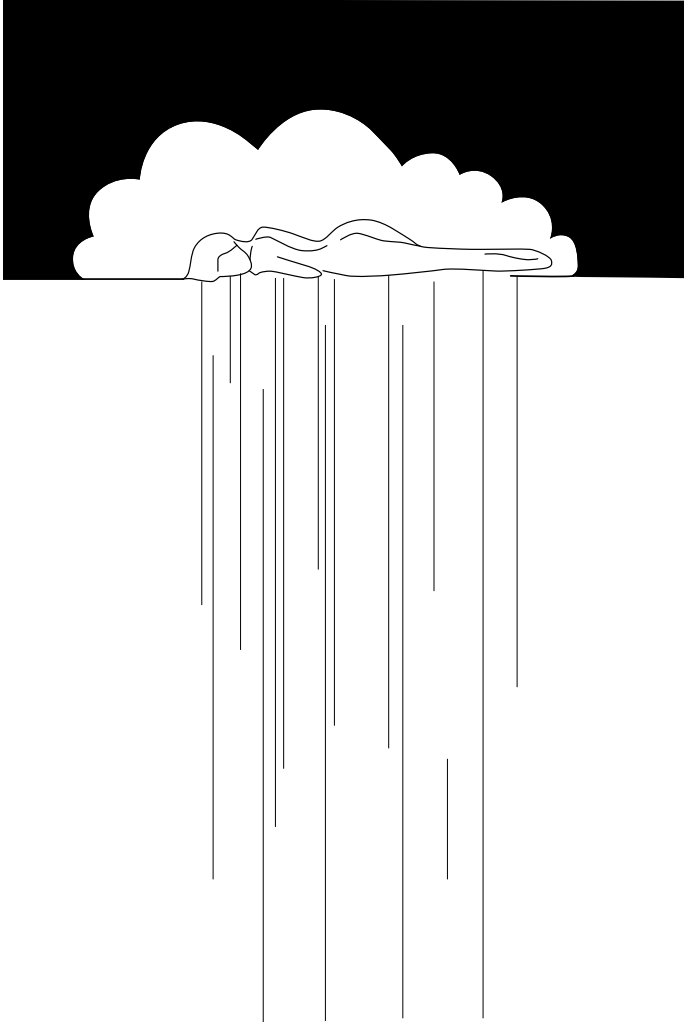
Essa chuva que lava o morro não tira
manchas de sangue das ruas;
Não tira a dor das mães sem maio;
Não leva lembranças, sentimentos,
retratos guardados na memória.
Essa chuva, acúmulo de tanta injustiça
e sofrimento, apesar de forte, não
chega no asfalto como enxurrada.
No asfalto os porcos chafurdam na própria
merda quando os canais transbordam ou quando
boia impávida no mar dominical lotado.
A vida da favela é perfurada por
balas perdidas diuturnamente.
Os becos são impregnados de gritos de
almas que vagam sem achar o caminho.
Enquanto isso, lá embaixo, festeja-
se com vinho, uísque importado e pó que
veio do alto. Ninguém é incomodado;
Ninguém será revistado;
Só tem gente de bem.
E assim, a urbe segue sua hipocrisia de
viver de abater aviões depois de voos
rasantes ao distribuir mercadorias.

POEMA 10

As redes sociais são os novos caças
a bombardear Hiroshima e Nagasaki.
Não adianta ligar as sirenes de emergência.
As pessoas já estão cegas e surdas e insanas.
E correram aos montes às igrejas.
Lá cabem muitos, universais que são.
E de lá se ouve um grito rascante de louvor.
- Deus há de prover, irmãos! Porque
a nós só interessa a verdade!
E a verdade é a fé proferida pelo pastor
de arma disfarçada de bíblia.
É com ela apontada pra cada um
que são roubadas tantas almas,
sonhos e desejos.
É com ela em riste que se cala,
que se assalta, que se mata.
A verdade é o caminho.
E o caminho é a libertação.
- Vamos nos livrar dos hereges!
- Amém!
- Vamos nos livrar dos pecadores!
- Amém!

A series of thin, curved lines on the right side of the page, starting from the top right and curving downwards and inwards towards the center, creating a sense of movement and depth.

- Vamos livrar o mundo
dos que não tem fé!
- Morte aos que não veem
e que não creem como nós!
- Amém!
E assim a humanidade
vai se perdendo sem razão.
Anomalia.
Lobotomia.
Bibliochoque!
Em que obra de Bukowski
me embriaguei e desacordei?
E em que momento dessa auto
verdade atordoadado acordei?
Onde se apagam as luzes desse
teatro que eu não sei?
Será com um tiro de misericórdia
na minha cabeça, meu rei?





POEMA 11

Travesti boa, é travesti morta!
E assim se vai mais uma cor
do arco-íris escorrendo pela rua.
Descendo pelo ralo.
E assim começa e acaba tanta história.
O Brasil é um espelho
que reflete o passado;
O Brasil é um espelho que reflete
mágoas, frustrações, ódio e rancor
e mata porque não se aceita.
O Brasil não se choca mais
com mortes de LGBTs;
O Brasil chora mesmo
é com o final da novela das 9.
O rei mandou dizer
pra tirar aquela ali fora.
E tirou; sem piedade;
Nem ouviu os prantos.
Riu-se aos montes!
Divertiu-se de montão!
A vida é mais bonita quando agoniza.
Menos uma a manchar as esquinas das cidades.
Enfim teremos ordem e progresso.
Se me calo neste momento feito covarde,
também ajudo a puxar o gatilho, a meter a faca.

POEMA 12

Calaram a voz da comunidade!
Pensaram que teriam silêncio!
Mas foi tarde demais para evitar ecos.
Outras tantas vieram
e logo se espalharam pelo país.
Calaram uma e ouviram milhares.
Na comunidade, a coletividade
é o que faz viver.
Se a polícia invade,
extorque, violenta e mata;
Outras vozes hão de aparecer;
Hão de reverberar.
A comunidade é mar!
E na ressaca devolve para a urbe seu lixo;
Joga na cara o sangue que derramaram.
É a malícia do morro para a milícia que mata!
Mas nessa guerra do Estado
contra o proletariado,
Muitas famílias hão de chorar ainda
por tantas vidas perdidas;
Por tantas balas perdidas;
Que encontram inocentes brincando de ser gente.
Não eram nem balas de borracha,
era chumbo grosso!

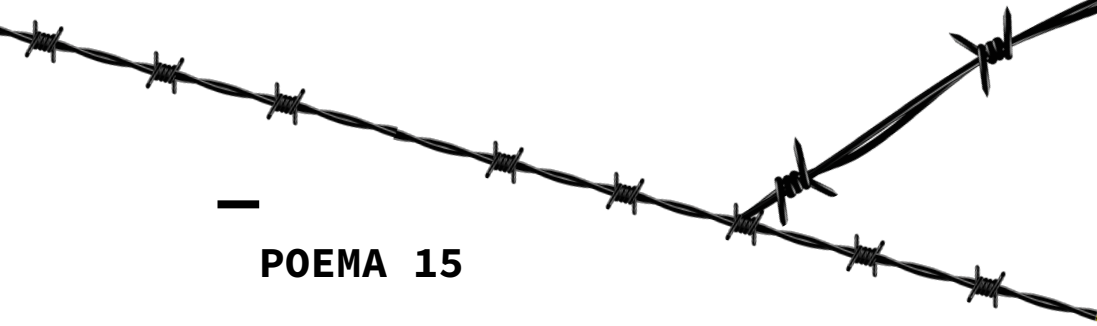
POEMA 13

Aquele sangue negro
tem o dedo da sua oração;
Aquele pranto.
Aquele corpo negro
estendido no chão
também tem.
Aquele escopo.
Aquela pele negra é um grilhão;
Fardo que carrega em si
e que nas ruas jogam mais peso.
Aquela buceta negra é mais quente
e ninguém se importa se um bando,
por brincadeira, se aproveitar;
É só mais uma;
É só mais um abuso;
É só mais um estupro;
É só mais uma negra!
E assim segue-se a vida
como quem chora na chuva;
Como quem tropeça na rua
para urrar a dor da alma.

POEMA 14

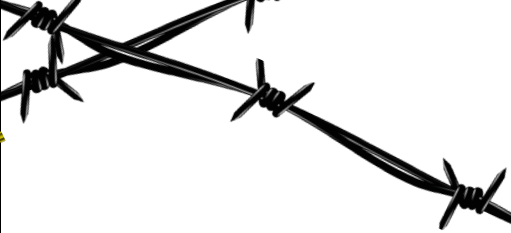
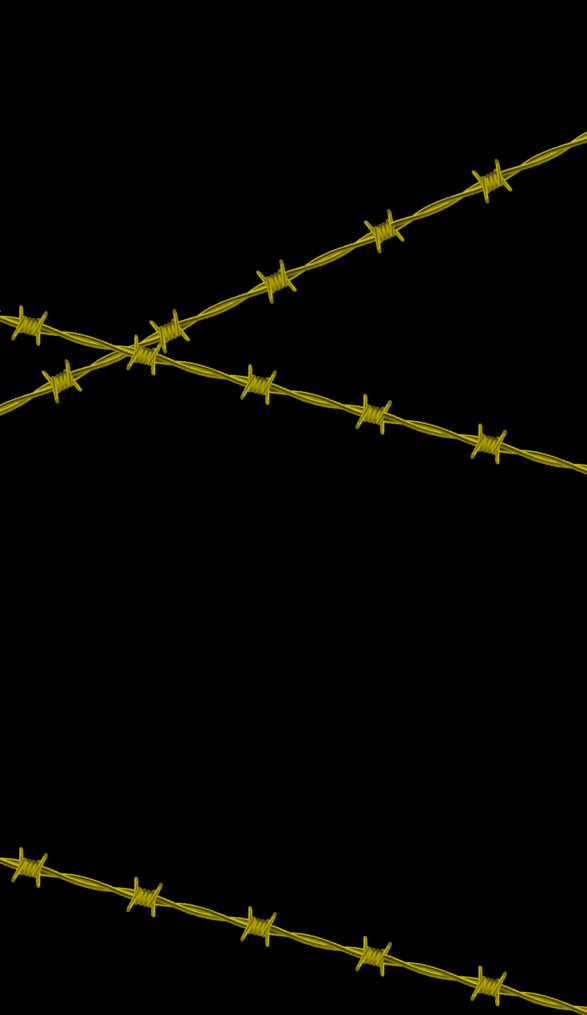
Vai, pega teu copo
Dá mais um trago
Bebe teu ódio
Viu? Deu no jornal
A gasolina disparou
O aluguel disparou
E mais uma arma
disparou na comunidade
Foram 80
Foram 200
Foi de fuzil
De helicóptero
Quem se importa?
Vai, dá mais um gole,
Engole tua dor
Que essa vida não tá mole
Lê aí no teu jornal
Lucro dos bancos disparou
Número de agrotóxicos disparou
A informalidade disparou
A fome disparou. A miséria disparou
Aquele arma de novo disparou
Em mais preto
Em mais um pobre

Em mais um favelado; Em mais um viado.
Em tantas Marielles
Vai, pega tua bebida
Lê o teu jornal; Traga verdades
É tanto ódio; É tanto óleo
É tanto disparo
É tanto fogo
Fogo! Fogo! Fogo!
Tem fogo na mata
Mata! Mata! Mata!
Tem gente morrendo
Meu Deus, quanto desrespeito!
Irmãos, peguem suas bíblias e destruam
aquele antro de blasfêmia e feitiçaria!
Irmãos, apedrejem aquela Madalena
que interrompeu mais uma vida!
Ela não tem o direito de tirar
de nós aquele Cristo que com nossas bíblias
haveremos de pregá-lo na cruz dos dias.
Meu Deus! É tanto ódio
É tanto desamor
É tanto disparo
Senhor, quantos tiros ainda serão necessários
Pra alimentar esse noticiário?



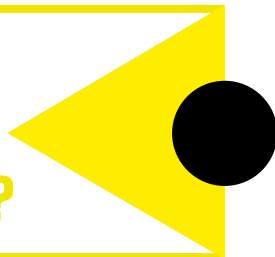
POEMA 15

Os filhos originários dessa pátria mãe
que gentilmente os extermina há mais
de 500 anos, resistiram.
Mas até quando?
Já não há mais terras;
E esperança, não há mais.
Vivem como animais cercados
por arames farpados por todos os lados.
Queimam, atiram, humilham, expulsam,
empurram pros centros urbanos
quem sempre viveu na floresta;
E daí como estranhos invasores
de outros habitats;
Sobrevivem nas ruas.
São os novos mendigos
que a civilização descarta
E depois tiram seus filhos
e estancam a memória.
Assim não há de haver
os mesmos costumes;
A mesma língua, a mesma fala.



Assim há de matar
qualquer vestígio
que por ventura
houver de teimar
em ser história.
Todo o saber;
Todo o fazer;
Todo o existir.
Se é assim
que deseja amparar
os filhos seus, Brasil.
Como acreditar em você
depois de tudo
que se vê?
Por tudo que se viu
por tantos anos a fio?

**COMO ACREDITAR
em VOCÊ DEPOIS
DE TUDO QUE SE VÊ?**



POEMA 16

A vida te desafia todo dia
E você acha que só precisa escolher
entre isto ou aquilo.
Apontar para a rota que o faz crer melhor.
A escolha é objeto que aparece à sua frente
Uma bifurcação.
E por mais que você ignore, siga reto,
Essa é apenas mais uma possibilidade que
não estava desenhada, mas já existia
E você achou que transgredir era
escolher não seguir o mapa
Mas a escolha não é sua, meu amigo
E a vida segue mesmo que você fuja do roteiro
Um hipertexto.
Nova realidade, nova dimensão.
E agora?
Você sempre achou ter livre arbítrio
Mas essa é uma mentira que você precisa
Porque estar no controle das coisas o faz forte
Mas.... Quando você se perceber diante
de uma história diferente da que
imaginou? Sucesso ou fracasso;

Solidão ou solidão a dois;
Aventura ou bonança;
Flor ou espinho.
O que você fará?
Escolha agora o que fazer dessa
história que fugiu das suas mãos.
Escolha voltar quantas casas
forem necessárias até o ponto
que você achou que errou.
Não, meu amigo.
Você não pode voltar porque
o tempo não é uma escolha.
O tempo é senhor
E por ser senhor,
transforma realidades e cenários.
E nada mais seria igual
ao que você viu antes.
E agora? Só lhe resta enganar-se
achando ser você seu próprio dono
Ou entregar-se ao fluxo temporal
sorvendo descobertas.
E aí, qual é a sua escolha?

POEMA 17

No fim de todo túnel espera-se uma luz.
E essa claridade é o desejo de alcançá-la.
É a novidade que se nota logo
adiante, em algum tempo;
Mesmo que se passe muito tempo;
Há desse tempo passar.
Do caos,
De todo o caos,
Mesmo que se passem vários anos,
O amor refloresce;
Como renasce a vontade de libertar-se;
De querer voar;
E voar mais alto.
Daí, quando o desejo não couber mais em si,
É hora de lutar;
De quebrar correntes;
De quebrar grilhões!
É hora de derrubar as máscaras de outono;
E florir numa outra primavera;
E brilhar feito verão no
despertar de novos dias.
A liberdade nunca morre com um tiro apenas.

POEMA 18

Quando calarem nossa voz
E a vós também quando calarem
Talvez assim se admita que houve turra;
Houve intransigência;
Houve intolerância;
Houve arrogância e falta de empatia.
Ouve agora!
Ouve!
Ouse agora! Ouse!
Agora vê?
Não há mais como gritar aos quatro ventos.
Pois os tempos agora são outros.
E os outros nós não sabemos.
Mas os nossos sonhos ainda são os mesmos
E o desejo de existir também.
Então mesmo que sejamos poucos
Ou que nos tenham como loucos
Não há como cerrar os olhos
Nem fingir mais inocência
Não há mais tiro no escuro
O obscuro é o que eles pensam o que a gente pensa.
E então de que lado ficar pensa?

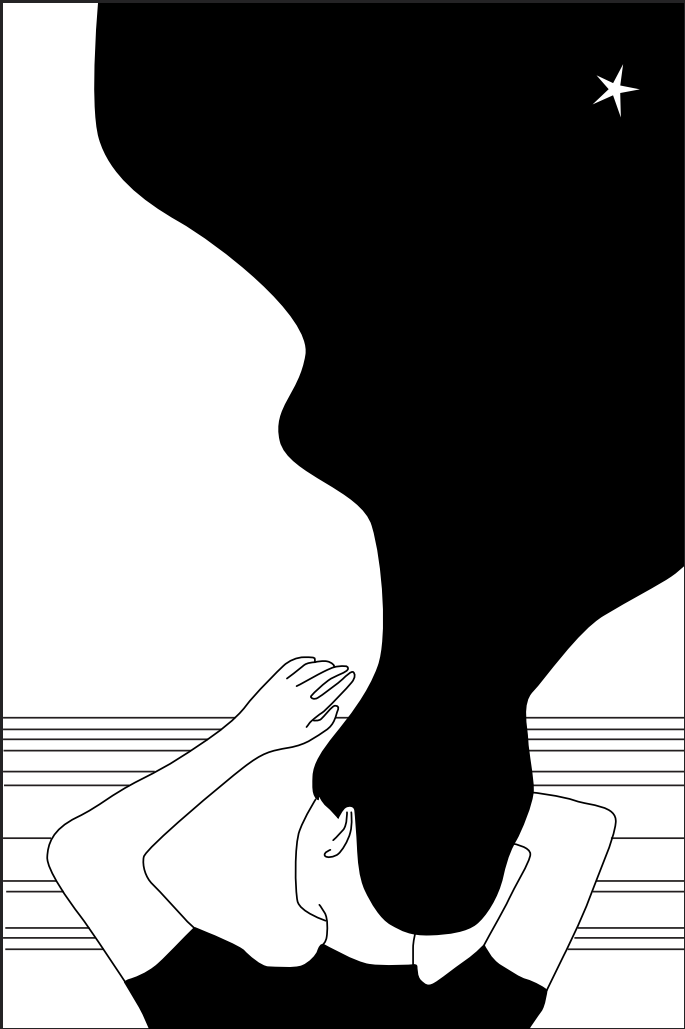
POEMA 19

O seu destino talvez eu soubesse
quando pedi que não partisse.
E o meu, fosse exatamente
esse que agora passo.
Mãe de um anjo que vaga
entre as estrelas.
A mim resta o consolo
de que ao te dar a luz,
Ela seria também do universo;
Que depois de iluminar o mundo
com seus olhos,
Hoje você ajuda a noite.
Agora o céu é bem mais intenso.
Eu só espero os dias passarem
uns após os outros,
Eles são datas perdidas no calendário.
São sem cor, sem ar, sem sol, sem sal.
Meu coração é ilha cercado por
lamentos que ele derrama.
E você, a minha trilha na Via Láctea,
O sorriso no espaço que eu preciso
para que me sinta em paz.

POEMA 20

Não adianta iluminar o caminho
pra quem anda de olhos fechados;
Não adianta!
Os perigos da estrada
só serão percebidos quando
sentirem na própria pele.
Navalha na carne;
Osso exposto;
Porrada na cara.
Não adianta placas, sinais;
Nem faixas, cartazes;
links ou conexões;
Não adianta!
É preciso saborear
o café muito quente;
A comida muito salgada;
E depois, um sublingual
para aliviar a pressão.
Mas não adianta!
Porque nada vai curar a sua culpa.
Porque a culpa é sorrateira
E feito brisa leve varre a confiança;

Dá lugar ao remorso
E quando se vê
já é metástase de culpa.
Já é tarde!
Não adianta pedir desculpas;
Mergulhar no Lago;
Correr no calçadão.
Seu corpo está marcado.
Não adianta maquiagem,
óculos escuros, carro do ano,
roupas caras;
Você já está sentenciado
pela culpa.
Não adianta disfarçar;
Tomar Coca-Cola;
Comer um Mac.
A sua culpa estará na saída;
Dormindo no chão;
Pedindo no asfalto;
Equilibrando-se no sinal.
E agora, qual é o fim dessa história?



POEMA 21

Escrevo como quem quer vencer
o tempo e driblar a morte
Escrevo como quem tem um grito
preso e não pode mais carregar
Escrevo, escrevo e continuo escrevendo
como se meu fim estivesse
próximo e eu o aceitasse
Porque apesar do peso que insiste
me sinto livre
E por isso eu escrevo
como quem não tem mais tempo a perder
E grito como meu último som
E canto bem alto
como minha última canção
Eu não sei porque estou tão calmo
A morte me parece leve
A morte me parece alento
E me deixo levar como um condenado ao seu fim.
Não é loucura minha estar.
Será que ainda poderemos brincar
de ver nuvens?

POEMA 22

O dia amanheceu plúmbeo como se
anunciasse tempos sombrios;
Como se espelhasse o futuro próximo;
E nos alertasse para dias destemperados.
Amanheceu e disse: Cuidado com o adiante!
Cuidado... cuidado... cuidado!
Mas até as nuvens mais pesadas se desmancham
E limpam o horizonte;
E prenham o sol.
Haveremos de existir, sempre!
Haveremos de resistir, sempre!
Haveremos de insistir, sempre!
Como sempre insiste o galo em
cantar todas as manhãs;
Como sempre tece a aranha suas teias;
Como sempre se adapta ao deserto o lagarto.
Não haveremos de desistir!
Não, não haveremos!
A cada manhã será uma nova luta;
Um novo viver.
A cada manhã uma nova luz;



Farol a iluminar o caminho ora deserto.

E se hoje revisitamos descaminhos

Lembremos de Ariadna

E demos as mãos para sair do labirinto.

POEMA 23

Cuidado!

Na próxima encruzilhada pode estar o seu fim.

Cuidado!

Não há mais bala perdida na esquina.

Cuidado!

Você que acha que não é alvo

também não está protegido

Porque pra ser bandido basta estar

inserido na multidão.

Não, meu amigo,

Não há perdão!

Ninguém está realmente vivo.

Cuidado!

Toda cidade agora são olhos à espreita

Cuidado!

Há uma arma apontada pra sua cabeça e você nem vê.

Cuidado!

Há um ciber ataque pronto pra invadir sua rede

e você nem sabe.

A vida está escancarada numa tela à espera

de um vírus que nos mate lentamente.

Não, não há mais certeza de integridade;
Nem abraços apertados;
Nem beijos de despedida.
O amor está confinado às galerias
E o grito, aos porões clandestinos.
Então é preciso andar junto;
Não podemos nos perder;
É preciso andar de mãos dadas.

POEMA 24

- Farol à vista!
- Mas é uma luz tão forte!
- Achamos o caminho!
- Achamos a saída!
- Mas quem são esses?
- Estamos todos confinados?
- Sim. E também condenados.
- Condenados?
- Sim, aqui nos põem em quarentena.
- Quarentena? Mas por que?
- Porque enxergamos.

As regras são outras e nem tente sair; não há como.
Aqui dentro é tempo de espera;
se der sorte viveremos.

- E lá fora?
- Lá fora todos estão vivendo uma mentira e a
mentira é uma condição forjada de liberdade
- Então, infelizmente, todos já estão mortos...

POEMA 25

A dor é uma cicatriz sem cura
que lateja quando se toca
Como um tapa na cara que se mostra
a outra face ainda ferida
Uma ida sem volta
E, se retorna
Volta ainda mais oca;
Mais consumida;
Mais profunda.
A margem é o fundo do poço
E os olhares afundam ainda mais
feito areia movediça.
... se chover não tenho nada
nas mãos para rabiscar
E me proteger das notícias ou
das malícias, quem sabe?
Porque esse cuspe que escarro agora
Não é pra servir de tempo algum
Mas pra anestesiá-la dor.
Essa cicatriz sem cura que
lateja quando se toca.

POEMA 26

Os jornais não vão precisar mais
justificar a morte daquele garçom;
Nem daquela dona de casa;
Ou daquele menino que vinha da escola.
A polícia vai matar porque... deve.
E dever é ordem;
E ordem é pra obedecer;
E obedece quem tem prejuízo.
Mas mais que isso
Os jornais não vão estampar nenhuma
manchete que... assuste.
Porque a vida é doce e é preciso ensinar
receita de brigadeiro reformado.
Os jornais serão mais vigilantes com a verdade
Porque a verdade vai ser revista
E vai ser o único caminho possível
para poder circular
Porque a verdade tem que ser dita, sem camuflagens.
Mas deverá ser escrita com uma mordança que
encarcera e mata a liberdade numa prensa.

**É PRECISO AMAR
PARA SER LIVRE**

*** É PRECISO ***

FALTA RE-

CIS A

PRA RE

*** É ***

FALTA RE-

CISO LOUCURA

PARA SER LIVRE



POEMA 27

É preciso armar para ser livre!
Mas quem está livre com tantos tiros?
Com tantas almas perdidas?
Não, não, não!
É preciso amar para ser livre!
Porque amar é revolucionário
E acalma corações aflitos.
É preciso falar para ser livre!
Porque a boca escancara desejos
E dá sentido e não continência.
É preciso loucura para ser livre!
Porque banhar-se de chuva
é revisitar a infância;
E sendo criança posso alcançar
o céu mesmo sem sair do chão.
Pois brincando de pipa
eu sou deus de mim mesmo;
Eu sou todo asas.

POEMA 28

Você não tem direito
Só por não ser preto
De virar as costas
Pra essa história
Todos os dias contada
Pra essa história
Todos os dias mal contada
Você não tem direito de virar as costas
Você não tem
Você não tem direito
Só por não ser preto
De virar as costas pra ela
Só porque não é da favela
E achar que não é consigo
Essa história atropelada
Que não tem nada com isso
Porque tem pele clara
E não deve se importar
Na comunidade não tem idade pra morrer
Não tem idade. Identidade

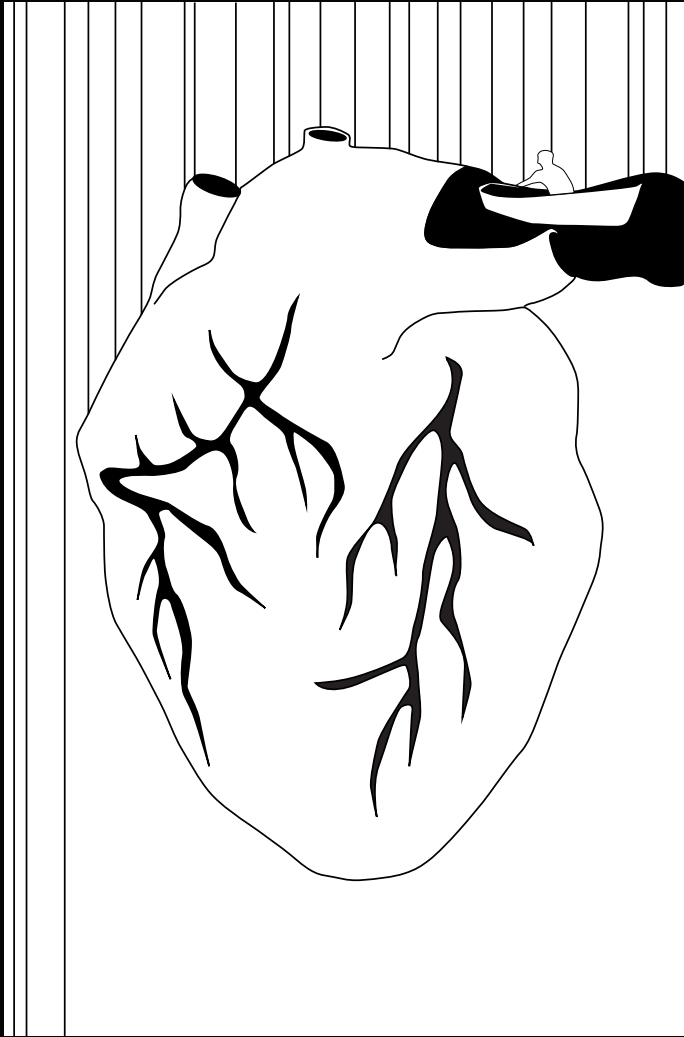
Na comunidade basta autoridade dizer:
Mata sem piedade! Pra acontecer
Você não tem direito de virar as costas
Pra toda essa bosta e se convencer
Que na televisão fulano morreu por ser ladrão
Não, não. Não tem não.
É preciso entender que na favela
Caveirão é tanque de guerra
E que cidadão armado com livro
Não pode ficar vivo
É também bandido
Na comunidade não tem idade pra morrer
Não tem identidade. Não tem idade
Na comunidade basta autoridade dizer:
Mata sem piedade! Pra acontecer

POEMA 29

O meu país se camufla de democracia
Isola imprensa;
Arma-se para a guerra.
Que guerra?
O meu país se veste de caridade
E reza pragas, iniquidade
Pra quem dorme na esquina
Ó, meu país... essa é a sina!
O meu país é distopia!
Tem o Altíssimo no peito
e sangue nos dedos;
Dos pelourinhos modernos onde Cristos
negros morrem todos os dias;
E mães, crucificadas por cada perda,
morrem aos poucos sem ter mais dias.
O meu país até se ria
Quando se via viado
espancado no meio da rua
E assim o meu país passou e passa
Fingindo que nada está existindo.
O meu país é seletivo.

POEMA 30

A minha pele ainda carrega marcas.
Feito mágoas profundas;
Feito couro de gado em brasa.
E rogo aos céus
um encontro com a morte
Como súplica para o alívio.
Não quero morrer de verdade
Mas parece-me a única saída.
Não posso mais entrar em choque
com as lembranças...
É autotortura!
E revisitar histórias
é quase viver o mesmo livro.
Mas com que desfecho?
Então sigo sem saber
até onde vai essa página.
Ou até quando.
E também sem saber se lá será
crepúsculo ou alvorada.



OUTROS 01

Uma hora dessas a gente solta o verbo
E reverbera os ais
bem mais alto nesse mundo.
É que o incômodo chega a goela
E é impossível não vomitar
com tanta intensidade;
Com tanta volúpia essa dor.
Esse gosto amargo que me toma
por completo é bÍlis.
É palavra tirada à fórceps
das minhas entranhas;
É pus cansado de meu corpo;
É sangue que verte
de minh'alma sem cor.
E é numa hora dessas
que o verbo já é fim;
Eu já sou fim.
Sou fim.

OUTROS 02

Deus é sádico e me quer mal
Adora me ver sofrer nesse mundo mesmo
quando eu insisto em resistir
Mas resistir não adianta nada!
Não adianta nada!
Nada!

Deus adora saber
que o fundo é meu piso
E adora saber que de lá eu não saio.
Essa falta de luz me é tão clara...!
Essa falta de luz me é tão próxima...!
Eu posso sentir a escuridão tocar meu
rosto e deslizar sobre meu corpo;
Eu posso sentir a escuridão invadir minha
alma e isso me acalenta tanto!
E isso tanto me acalma que dá vontade de chorar.

OUTROS 03

Nesse país roubar
não é toxina, é sinal!
E apesar dos brados;
Dos braços erguidos;
Dos punhos cerrados...
São ensinados a passar a perna;
Dar rasteira;
Ter vantagens.
Nesse país ninguém é otário, não!
Todos estão de olho na corrupção;
No aumento do salário dos ministros;
E no corte de verbas na Educação.
As ruas agora são as telas dos celulares;
Estão todos de olho, mas nenhuma ação.

OUTROS 04

A Classe Média aplaude
a morte na favela
Menos um pra se ter preocupação!
Menos um parasita;
Menos um ladrão!
E assim limpa-se as manchas da nação.
Ainda bem que o sistema varre
as ruas sem pestanejar!
Porque o Estado,
Apesar de abandonar
o preto e pardo favelados,
Nem sempre consegue matar.
Mesmo que os deixem à míngua pra morrer.
E eles lutam mesmo sabendo que
essa hora vai chegar.

OUTROS 05

A luta que ainda travo aqui dentro
desse peito combalido
É a luta pela sobrevivência
em dias incertos.
São dias em que o sal da pele arde mais;
Dias em que os ossos doem muito mais
Dias em que o corpo não se recompõe
tão facilmente mais...
por mais que a gente queira.
E por mais que a gente queira
nada será como antes.
O olhar de ternura;
O sorriso de candura
As palavras sem ranhura.
Nada!
Não seguirei o gansaral a seu destino!
Seguirei o caminho
como quem segue as manhãs;
Como quem precisa de amanhãs.
Porque só o amanhã pode me revelar
se estou ainda vivo.
E assim, seguirei todos os amanhãs como quem
persegue a eternidade por qualquer instante.

OUTROS 06

Nesta nau que parte agora mar adentro
Pra longe desse porto que não é seguro
Levo minha alma sem náusea
E um lenço que não será molhado.
Não há lágrimas a derramar
Nenhuma saudade a apertar o peito
Nenhum nome a escrever à eternidade.
Nesta nau que agora parte mar adentro
E pra bem longe,
Leva consigo meu coração livre.

OUTROS 07

E então você me diz
como devo seguir a vida;
E fala de coisas do coração;
De que a solidão é maldição das brabas.
E eu respondo:
mas a vida não tem curso certo;
Não há nem direção!
E você sorri como quem tem certeza
de que eu não sei de nada.
Mas eu sei que não sei de nada;
Nem ela;
Nem ninguém.
Eu sei como quem sabe
que plenitude é percepção do momento
exato do que deve ser o sublime.
E assim só estou perto
de estar certo cem por cento
quando atinjo o universo;
Uma certeza efêmera, etérea e volátil.
Mas eterna enquanto é;
Enquanto está;
Enquanto passa por mim
e me sinto Deus.

Mas sentir-me
não é ser de fato
E eu padeço incompreendido por ser mais;
Por ser muito;
Por ser alma.
Por ser inteiro
sem precisar ser completo.
Mas não importa!
Ainda assim, posso ser feliz por ser completamente
eu... assim, faltando e sobrando peças.

OUTROS 08

O meu tempo se dissolve
feito quadro de Dali,
E me faço feito de urgência
a escrever o mundo;
A abraçar o mundo;
A amar o mundo enquanto há tempo.
Enquanto eu não me dissolvo com o tempo.
Porque a cada segundo que morre com o passado;
Morro aos poucos e adiante
atropelando o presente.
E assim o mal tempo se agiganta
num dilúvio sem salvação
E eu me refaço nessa urgência de sobreviver.

OUTROS 09

Por mais que a gente ande
a vida volta atrás.
Um freio;
Um golpe;
Um avesso do galope.
Seria o suicídio uma salvação?
Uma ascensão?
Uma compreensão de que a vida já não basta?
E assim, desprender-se do corpo não seria
um ato de covardia ou egoísmo.
Eu não sei o que há além da morte
Mas há um quê de sossego;
Uma sensação de paz...
Ser 'estrela' é pulsar vida
em outro universo.

OUTROS 10

Sou feito o tempo
E de tempos em tempos sou posto à prova
Uma ferida que me abre a porta;
purulenta e ainda viva
E que lateja querendo explodir
Como vulcão a ponto de expelir-se
quente pelo ar
Me sinto tempestade
Cumulonimbus precipitadas
Choque térmico
Descarga elétrica rachando o chão
Dores da alma acumuladas
Culminando em raiva
Descrença
Desavença interna
Angústia descontrolada
Deus em pranto e desespero
Despejando aguaceiro
das entranhas por inteiro

“
**DEDO EM RISTE, BLASFEMANDO
OS CÉUS. GRITO, UIVO, URRO, BERRO
AGONIA DE ANIMAL FLECHADO NO PEITO**”

Rajadas de vento
Mar revoltoso
Ondas de destruição
Sentimento saído de mim
sem compreensão
Sou esse pensamento
sem razão
Dedo em riste
Blasfemando os céus
Grito, uivo, urro, berro
Agonia de animal
flechado no peito
Mãe sem poder
vencer a morte
Que depois morta
de cansaço
Deita sobre o leito
ainda molhado pra
se consolar
Chuva fina em
dia nublado.

OUTROS POEMAS,
UMA HORA A GEN-
TE SOLTA O
VERBO * OUTROS
POEMAS, É PALA-
VRA TIRADA À
FÓRCEPS * OUT-
ROS POEMAS. O
VERBO QUE JÁ É
FIM * EU JÁ SOU
FIM. OUTROS PO-